

FÁBIO MAGALHÃES

# Trilha dos ossos



## **Abertura**

30 de julho de 2024  
terça-feira, às 19h

## **Exposição**

Até 31 de agosto de 2024  
na Paulo Darzé Galeria

**PAULO  
DARZÉ**

G A L E R I A



FÁBIO MAGALHÃES

# Trilha dos ossos

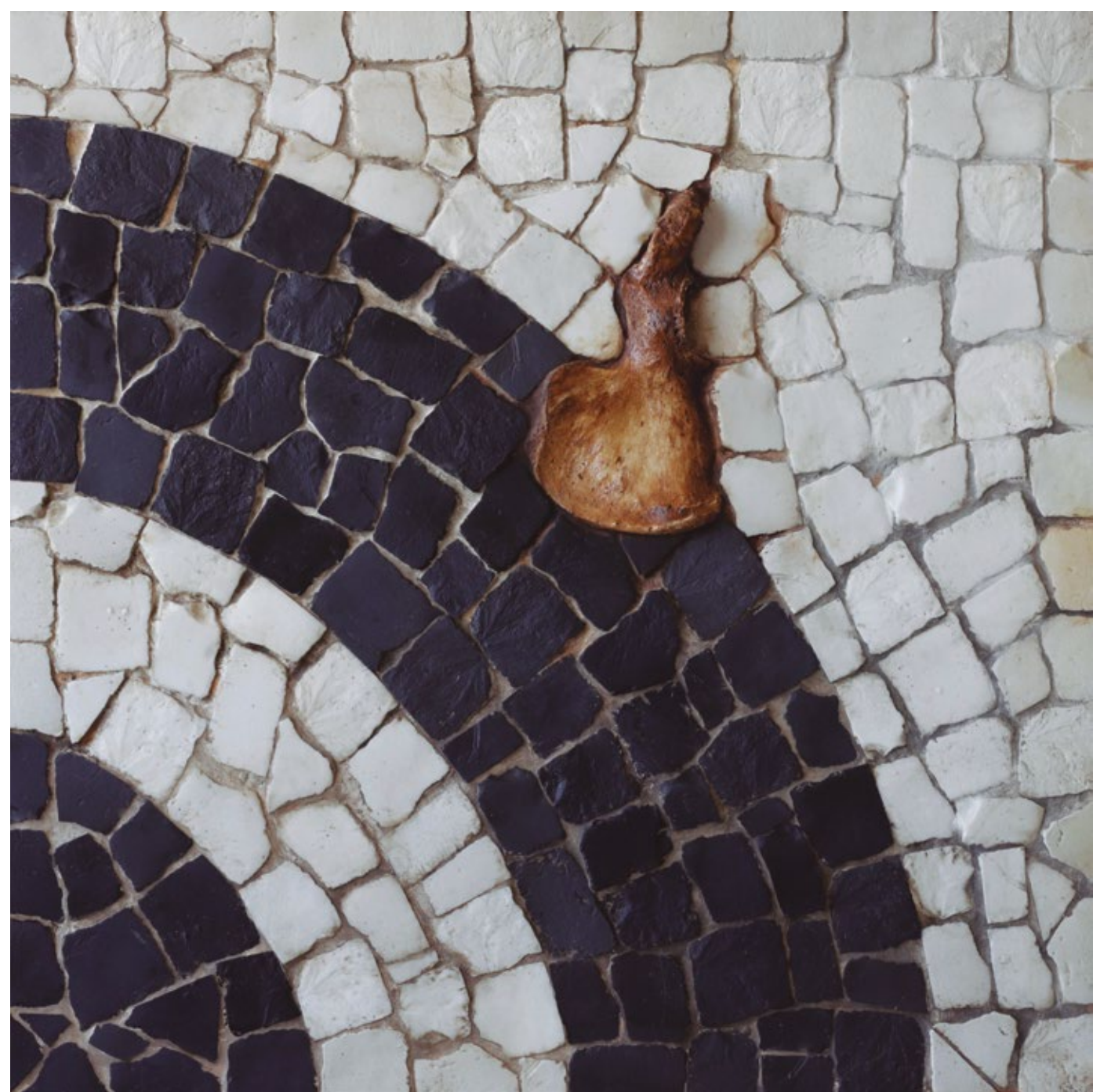
# ATO I: O passado indelével



## **ONDE O PASSADO NÃO PODE PERMANECER SOTERRADO**

Ossos emergem de um passado colonial profundo, brotam da terra e rasgam aquilo que parece sufocar vozes silenciadas; como se não fosse mais possível ocultá-las, pois não é mais possível emparedar os corpos. Agora, como uma espécie de acerto de contas póstumo, o indelével define o compasso na obra, a qual apresenta sete recortes de pavimentação com padrões geométricos de pedras portuguesas, medindo 70 x 70 cm cada. Esses padrões se tornaram herança colonial em nossas ruas e praças, como um “sinal de progresso”. Contudo, a obra é formada por um conjunto de peças que forma um grande calçadão de lembranças, em que o passado não pode mais ser soterrado, ocultado ou silenciado.





**Onde o passado não pode  
permanecer soterrado**

Instalação / resina e madeira de lei  
70 x 70 cm cada / 2023

O decorrer das horas, das épocas, dos séculos é uma constante na vida humana. Desde os primórdios da civilização até os dias atuais, enfrentamos a inevitabilidade das mudanças ao longo do tempo. Rumores apontam que estamos chegando ao fim do antropocentrismo, fala-se em fechamentos de ciclos, nota-se uma reorganização nas configurações globais, somada às reestruturas culturais que apontam novos modos de consciência. Nessa perspectiva, o tempo é visto como dimensão fundamental da experiência humana. Assim, a mostra *Trilha dos ossos* tenta compreender e lidar com a realidade inevitável que traz consigo inúmeros desafios e adaptações.

A exposição foi concebida numa trindade de tempos: o primeiro ato, "O passado indelével"; o segundo ato, "O caos do agora"; e, por fim, o terceiro ato, "O amanhã distante". Para o ato I, escolho trabalhar com a condição humana diante dos erros indelévels do passado, uma tarefa complexa e necessária. Ao longo de nossa história, a humanidade cometeu inúmeros erros; contudo, temos a capacidade de aprender com eles e superar o negacionismo histórico, processo fundamental para a construção de um futuro com mais equidade. Já o ato II surge da efervescência dos acontecimentos no "caos do agora". O presente, dinâmico e instável, é puro devir que nos exige adaptações urgentes. As mudanças sociais e tecnológicas que ocorrem em ritmo acelerado trazem consigo desafios e oportunidades. É necessário estarmos atentos e preparados para enfrentá-los. O ato III, "O amanhã distante", propõe pensarmos entre as utopias e distopias de um futuro incerto,



além de provocar a reflexão sobre o peso de nossa própria existência, em que somos levados a imaginar e criar soluções para os desafios do presente, vislumbrando novos modos de consciência.

A cada dia que entro no meu espaço de produção artística, reafirma-se em mim que a Arte nos dá a capacidade de imaginar e interagir criticamente com o mundo em que vivemos; isso exige constantes reflexões sobre os valores, hábitos e escolhas que norteiam nosso cotidiano. As escolhas que fiz para a criação da mostra *Trilha dos ossos* contribuem para uma reflexão sobre o tempo enquanto uma constante entre nós e sobre a complexidade da condição humana diante do devir. Penso que ajuda a compreender a nós mesmos, o mundo que nos cerca, e a traçar novos caminhos para uma existência mais plena.





## **BERÇO CIVILIZATÓRIO**

A instalação “Berço civilizatório” é composta por um ninho de pelúcia negra cujo interior abriga um amontoado de crânios humanos e delicadas estatuetas de anjinhos barrocos, que parecem repousar em harmonia. Assim, a cena de ingenuidade e horror ganha nova materialidade. Dessa maneira, o antagonismo simbólico, que permeia a obra de ironias e reflexões sobre os diversos tipos de domínios sociais e culturais, leva-nos a refletir, por exemplo, sobre como a educação religiosa jesuíta foi usada como pretexto para o extermínio dos nossos povos originários.

## Berço civilizatório

Instalação / aço inoxidável, madeira, resina e couro

73 x 120 x 120 cm / 2023



## **DESTILADOR DE ALMAS**

Uma ninhada de ovos negros se apresenta diante de nossos olhos. A instalação “Destilador de almas” deflagra reflexões sobre o massacre cultural sofrido por povos nativos. As peças da instalação são como embriões culturais de nações que foram violentamente abertos, ovos/úteros rasgados, uma barbárie da ordem do prematuro. Séculos de práticas violentas contra essas populações são evocados nesta obra, na qual os ovos se transfiguram e assumem o simbolismo de urnas fúnebres, lembrando o genocídio sofrido por nossos povos originários.

## Destilador de almas

Instalação / óleo sobre resina, aço inoxidável e porcelana /  
dimensões variáveis / 2023



## **EXISTIR É TAMBÉM MEMÓRIA**

Esta obra faz alusão a um passado recente, pois questiona sobre as vidas desaparecidas durante a ditadura militar de 1964 no Brasil. Com o título “Existir é também memória”, este trabalho apresenta uma ideia que pode parecer paradoxal ou contraditória, pois a memória é um aspecto fundamental da existência, ou seja, para que algo exista é necessário que haja um registro ou lembrança de momentos do passado. Contudo, sabemos dos desaparecimentos por ações políticas, sem registros, sem memórias. Nesse sentido, nas três peças que compõem esta obra, mesmo sob as frestas do desencanto, “existências” aparecem como memórias de que devemos permanecer, persistir.



30/10/1979

# Trilha dos ossos

*Tereza de Arruda, curadora*

A exposição *Trilha dos ossos*, de Fábio Magalhães, apresentada na Paulo Darzé Galeria, traz parte de sua produção artística dos últimos dois anos. Ela é composta por uma trilogia demarcada por início, meio e fim, visualizando uma cronologia existencial em três atos: “O passado indelével”, “O caos do agora” e, por fim, “O amanhã distante”. Tem-se aí uma análise de questões atuais, sustentadas por alicerces do passado irreversível e do futuro um tanto quanto imprevisível.

A perspectiva de Fábio Magalhães é construída a partir de sua vivência pessoal e do contexto que o norteia, tendo as relações humanas, as condições psíquicas e o imaginário pessoal como pontos de partida de sua investigação. Seu foco, contudo, se distancia claramente dos parâmetros convencionais do antropocentrismo, que coloca os seres humanos no centro do universo de forma soberana. Hoje, a reavaliação crítica dessa perspectiva – presente na representatividade de Fábio Magalhães – é essencial para enfrentarmos os desafios contemporâneos, diante das crises ambientais, políticas, éticas e sociais. A transição para uma visão mais holística e inclusiva, que reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos, e a sua interdependência, é crucial para uma mudança de paradigma a caminho de uma sociedade mais equitativa.



Em uma narrativa sócio-político-cultural, nota-se na produção atual de Fábio Magalhães como a era da pós-globalização – políticas mais focadas na autonomia e na autossuficiência nacional – pode influenciar, mas sem necessariamente eliminar, a relevância e a urgência de abordar temas globais – desafios persistentes que afetam toda a humanidade –, tendo que assumir medidas colaborativas e multilaterais, como tratados internacionais, em busca de soluções mundiais. Segundo o artista: “A cada dia que entro no meu espaço de produção artística, reafirma-se em mim que a Arte nos dá a capacidade de imaginar e interagir criticamente com o mundo em que vivemos; isso exige constantes reflexões sobre os valores, hábitos e escolhas que norteiam nosso cotidiano”.

Sendo proveniente do estado da Bahia e vivendo em Salvador, onde graduou-se em Artes Visuais, em 2007, Fábio Magalhães tem seu cotidiano imerso no histórico nacional, enraizado no berço colonial da primeira capital brasileira, em vigência entre 1549 e 1763. Cidade que foi o centro político, econômico e cultural da colônia, que detém os vestígios deste passado encravados em si até a atualidade, Salvador é indiscutivelmente um símbolo de resistência, cultura e patrimônio, sendo um ponto de referência crucial para entender a complexa história e a evolução do Brasil. Hoje nos deparamos com o processo tardio de reparo histórico-cultural de âmbito nacional e mundial, a fim de enfrentarmos o desafio de propiciar um futuro justo e igualitário, resultado da combinação de reconhecimento histórico, compensação,

restituição, reforma institucional e cultural. Eis aí o contexto no qual surgem as obras da exposição *Trilha dos ossos*. É neste emaranhado histórico que Fábio Magalhães imerge a elucidar verdades veladas.

Nesta produção inédita, o artista, conhecido primordialmente por sua pintura sobre tela, extrapola os parâmetros usuais e expande a representatividade além do espaço bidimensional do suporte convencional. Surgem objetos e instalações compostos de elementos alusivos a um trabalho arqueológico

### **Existir é também memória**

Objeto / madeira, resina e alumínio / 12,5 x 12,5 x 35 cm / 2023



a resgatar e recompor partes individuais para a compreensão de um todo. Nesse processo de produção, a percepção do tempo é presente, intrínseca e visível, pois representa a linearidade temporal, necessária para moldar a compreensão do passado, presente e futuro, desafio que a tríade concebida para *Trilha dos ossos* propõe.

Em "O passado indelével", o artista apresenta as obras: "Onde o passado não pode mais permanecer soterrado", "Berço civilizatório", "Travessias de tempos", "Destilador de almas" e "Existir é também memória". Réplicas de vestígios humanos, como crânios e ossadas, são inseridas em contextos diversos, a denunciar atrocidades do passado colonial e recente, imersos em um conjunto de padrões estéticos, formados por pedra portuguesa, presente no ornamento e imaginário da herança estética colonial, resguardados em invólucros supostamente aconchegantes, como berços em diálogo com relíquias barrocas de madeira, a construir um suposto percurso de passagem como um elemento de conexão de caminhos rompidos, inseridos em ovos, na simbologia de vidas perdidas, ou mesmo como oferendas sobre taças de madeira a resguardar memórias de desaparecidos.

Já em "O caos do agora" são apresentados os trabalhos "Leito das existências", "Pulsão rubra", "Sobre pregar dores na alma", "Silêncio dos sinos", "Ceifa de consciências" e "Da natureza dos vazios". Segue-se neste contexto uma série de dualidades da vida atual, com ênfase em conceitos psicanalíticos que representam forças opostas da existência humana. Eros e Tânatos simbolizados por ovos e crânios,

ambivalência imagética da combinação de energias femininas e masculinas, independente mente do seu gênero; perceptividade de dores profundas da alma, concretizadas por pregos transparentes de vidro, a sustentar partes do corpo, um rito ao luto através do silêncio, dedicado à ausência ou irrelevância de uma perda, renovação e crescimento, como caminho à liberdade de pensamento e fortalecimento de consciência contra meios opressores, ou ainda autenticidade e emancipação como alternativas de resistência em um mundo díspar entre vida e morte.

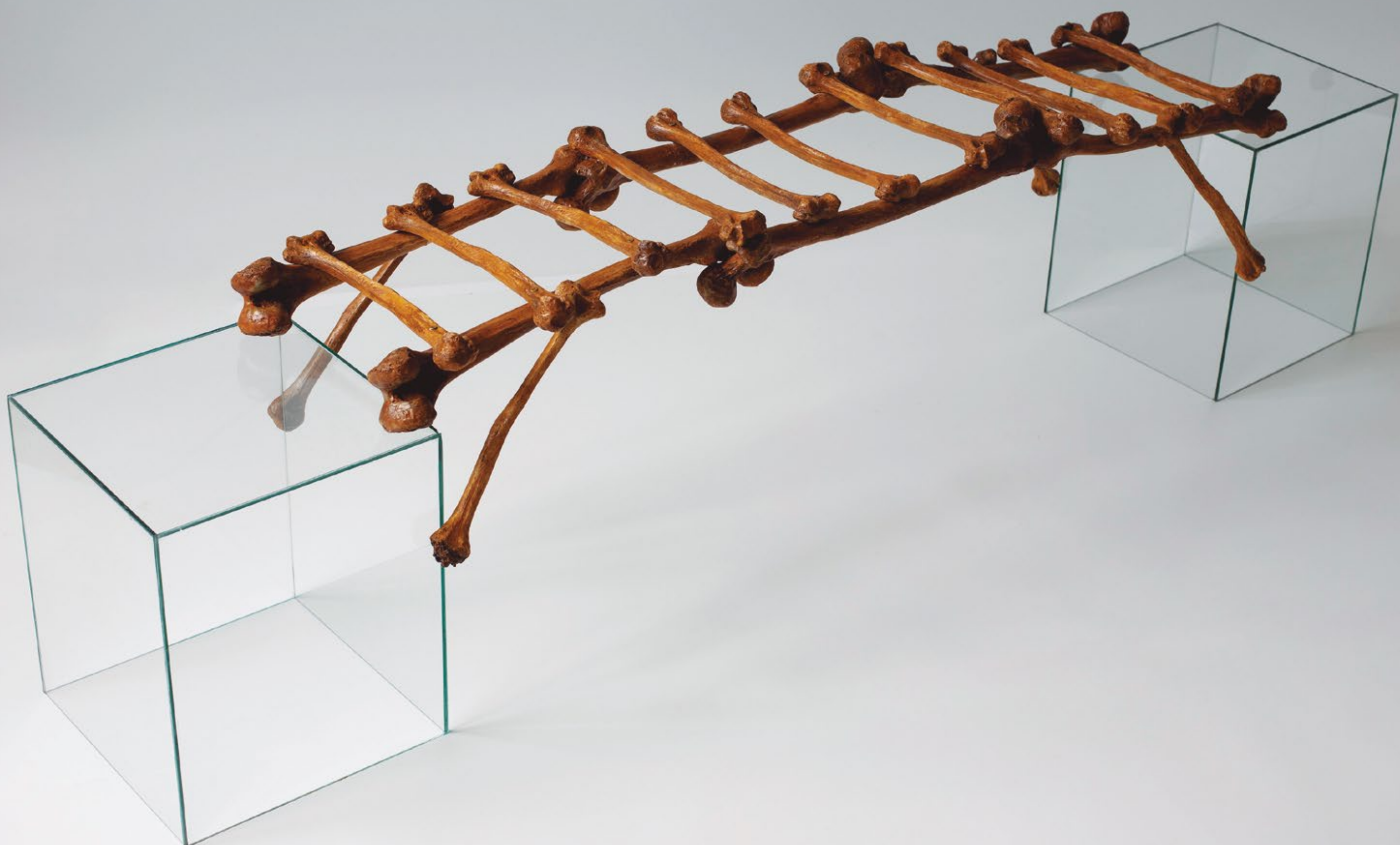
E, por fim, em "O amanhã distante", Fábio Magalhães reúne o conjunto de obras "A ciranda", "Braços dados que te trouxeram até aqui", "A tri-lha ou Quando se perde o verniz dourado da vida" e "Achados arqueológicos de um futuro distante". Novamente, partes isoladas do corpo simbolizam sua totalidade em questões existenciais de subsistência em um futuro incerto. Fêmures e úmeros se unem aleatoriamente em um ato de sustentabilidade mútua. Úmeros interligados fazem menção aos antepassados como relíquias hereditárias e infindáveis, desgaste e perda da pátina original, como a evidenciar a finitude inevitável do corpo, premeditando a transcendência imaterial, ou um epílogo, no qual a ausência é representada pela falta de três partes do corpo humano, levando à análise e reflexão do abismo que é a existência humana e sua jornada díspar e ímpar.

Esta totalidade de obras e abordagens é apresentada de forma sensorial, através da combinação

de materialidade meticulosamente selecionada pelo artista para sua concepção. Produtos industriais, como barras e correntes de metal, se unem a tecidos aconchegantes, em construções elegantes, a abrigar preciosidades confeccionadas em caráter hiper-realista, característica das obras usuais de pintura de Fábio Magalhães. Ele, por sua vez, se apresenta em sintonia com sua produção atual, a conceber uma complexa imersão que transcende a mera observação da vida real abrindo caminho para novas realidades emergenciais. Esse contexto me remete ao artista francês Robert Filliou, o qual proclamou da seguinte forma sua visão de que a arte e a vida estão intrinsecamente conectadas e predestinadas a se superarem: “A arte é o que faz a vida ser mais interessante do que a arte”.

### **Travessias de tempos**

Instalação / óleo sobre resina e vidro / 160 x 140 x 40 cm / 2023



## TRAVESSIAS DE TEMPOS

Uma ponte que liga nada a lugar nenhum. Metaforicamente, esta obra transcende a espacialidade, forjando outras realidades, travessias de tempos. Ela procura conectar o passado ao presente, ao instante atual. A partir das vidas perdidas de homens e mulheres que nos antecederam, a instalação retira da ponte sua função básica e elementar de unir dois lugares, para reforçar a necessidade de não esquecer, mesmo à margem do projeto de horror que historicamente nos constituiu: é preciso falar sobre os nossos mortos.



## **ATO II: O caos do agora**



## LEITO DAS EXISTÊNCIAS

Numa espécie de árvore composta por tubos de aço inoxidável e correntes, repousa um imponente ninho enigmático, o qual aconchega ovos-crânios, um "Leito das existências". Contrastando com as tramas negras do couro, presente no exterior do ninho, e a suave maciez da pelúcia do seu interior, jazem três esculturas que buscam conceber o "hiato" sobre a existência humana ao longo da linha do tempo, uma forma que reúne polos opostos, Tânatos e Eros, morte e vida, fundidos em uma única forma. A instalação aponta para a antítese do "duo" contido no "uno". À primeira vista, encontramos no seu interior três esculturas em forma de ovos, que aludem à gênese, ao invólucro, ao útero. Por outro ângulo, vemos a forma de crânios, representando a finitude, o inanimado, a própria morte. Assim, a obra revela uma condição dual de existências opostas, uma incrustada na outra, como uma essência primeva, contida em cada Ser em si.



**Leito das existências**

Instalação / aço inoxidável, resina, couro  
e alumínio / 210 x 200 x 200 cm / 2023



## **PULSÃO RUBRA**

Assim como a dualidade nos molda, a síntese é o que nos define. Um jorro vermelho serpenteia pelo espaço, e sua origem é uma fonte composta por ossos de um crânio de touro que, ao mesmo tempo, possui a forma de um útero arcaico. Essa ambivalência imagética traz cargas simbólicas tradicionalmente conhecidas, nas quais o signo do touro configura-se na virilidade masculina e o útero como arquétipo da fertilidade feminina. Daí, discute-se que cada indivíduo possui uma combinação de energias masculinas e femininas, independentemente do seu gênero. Desse modo, a instalação intitulada “Pulsão rubra” procura demonstrar como a sociedade contemporânea, frequentemente caracterizada por um excesso de energia masculina, eleva o autoritarismo, a falta de empatia e uma visão unilateral e limitada das coisas. Como uma fonte geradora de um grande vórtice sem direção, o jorro em tecido vermelho traz bordados em seu dorso, palavras das mazelas do presente. Para mim, essas palavras bordadas, que escolhi para ocupar a superfície do tecido que se dobra, se arrasta, serpenteia e ocupa o espaço, são como marcas que parecem não querer desaparecer, são queloides sociais. A obra procura discutir como os valores antigos estão sendo questionados, enquanto os novos ainda não se consolidaram. Uma reflexão sobre os constantes movimentos da sociedade sobre a incerteza e o medo que essas mudanças podem trazer. É preciso enfrentá-los para nos libertarmos do assombro da vida.



### **Pulsão rubra**

Instalação / aço inoxidável, madeira, ossos e tecido bordado  
dimensões variáveis / 2023





## **SOBRE PREGAR DORES NA ALMA**

Este conjunto de obras é composto por vestígios de ossadas humanas atravessadas por pregos de vidro, fixadas à parede, e por ossos transpassados em si, fazendo alusão à condição do impossível, às dores profundas que penetram os ossos e perfuram a alma. Nesse contexto, a obra não apenas chama a atenção pela presença dos pregos de vidro, cuja materialidade parece torná-los inútil ou quase invisíveis, mas também põe em cena e discussão nossa incapacidade de empatia diante da dor do outro. Uma metáfora para refletir sobre uma sociedade que tenta minimizar as reivindicações alheias, revelando uma espécie de “zona de sombra” entre a indiferença e dar um passo atrás.



**Sobre pregar dores na alma**

Instalação / óleo sobre resina e vidro  
dimensões variáveis / 2023









## **SILÊNCIO DOS SINOS**

O luto pode ser uma forma de lidar com a perda e reconhecer a importância das vidas. Pensando assim, a obra intitulada "Silêncio dos sinos" pode ser compreendida, metaforicamente, como um estado de omissão e um convite à escuta das vidas existentes ao nosso redor. Composta por três delicados sinos de vidro, materialidade que os impossibilita de ressoar, faz pensar sobre o silêncio dedicado à ausência ou irrelevância de uma perda. Ao permanecer em silêncio perpétuo, a obra leva-nos a refletir sobre quais vidas são consideradas relevantes e sobre quem tem o direito ao luto.

**Silêncio  
dos sinos II**  
Instalação  
aço inoxidável,  
granito, vidro  
e osso de vidro  
170 x 40 x 90 cm  
2023





### **Silêncio dos sinos I**

Objetoaço inoxidável, mármore,  
vidro e osso de vidro

36,5 x 30 x 30 cm

2023

## **CEIFA DE CONSCIÊNCIAS**

A consciência de um povo desponta como uma fonte vital de liberdade, autonomia e humanidade. A obra “Ceifa de consciências” traz uma escultura de porcelana branca, com formato de um ovo, transpassada por grandes agulhas e alfinetes de vidro. Ela carrega, simbolicamente, a noção de um povo privado da sua capacidade de desenvolver plenamente a consciência. Como sementes reprimidas num solo árido, suas mentes são cerceadas e suas perspectivas são limitadas, negando-lhes a oportunidade de expandir e alcançar todo o seu potencial humano. Essa ceifa de consciência é usada como uma estratégia de controle, uma dinâmica opressora, frequentemente exercida por forças externas que buscam perpetuar uma realidade restrita, subjugada e prematura. Assim, a obra nos convida a refletir sobre a importância de fortalecer a consciência individual e coletiva e resistir àqueles que buscam silenciá-las. Ela nos suscita que, apesar das adversidades, sempre há possibilidades de renovação e crescimento e que devemos lutar pela liberdade de pensamento e pela expansão da consciência como um todo.





## **Ceifa de consciências**

Instalação

aço inoxidável, porcelana e vidro

170 x 80 x 80 cm

2023



### **Da natureza dos vazios**

Escultura / porcelana, couro e pelúcia

50 x 40 x 40 cm / 2023

## **DA NATUREZA DOS VAZIOS**

No âmago da condição humana emerge um questionamento ancestral: qual o significado da existência? A obra "Da natureza dos vazios" nos convida a adentrar esse território enigmático, explorando o existencial que permeia a jornada humana. Sem ter a pretensão de responder a uma questão tão elementar, a escultura de porcelana negra mostra a amálgama de duas formas, um ovo/crânio quebrado, revelando seu interior. Nesse sentido, parece que somos convocados a confrontar o vazio não como um destino inescapável, mas como um convite para a busca da autenticidade e da emancipação. Então, que o existencial nos inspire a questionar, a resistir e nos transformar a cada dia.







**ATO III: O amanhã distante**

## **A CIRANDA**

A vida é uma dança complexa, cujos passos são regidos por um ritmo de harmonias e interconexões. A instalação intitulada "A ciranda" traz um círculo flutuante, composto por fêmures e úmeros que parecem evocar uma matemática básica da dança, em que braços e pernas estão unidos em um grande círculo suspenso do chão, indicando um eterno contínuo. Nessa dança, braços e pernas se unem, aludindo à união de indivíduos em busca de um movimento coletivo. Cada membro desempenha um papel único, contribuindo para a harmonia do conjunto. No entanto, essa Ciranda vai além de uma sucessão de movimentos individuais. Ela é uma expressão de unidades e interligações, em que os ossos não se movem em harmonia uns com os outros, cada um estabiliza os demais, criando um paradoxo de uma coreografia estática que permeia a obra. Assim, encontramos em suspensão uma união, uma harmonia e a verdadeira essência.



### **A ciranda**

Instalação / óleo sobre resina,  
aço inoxidável e granito /  
195 x 200 x 200 cm / 2023

## **BRAÇOS DADOS QUE TE TROUXERAM ATÉ AQUI**

Uma linha composta por quatorze úmeros que parecem dar as mãos, elevando-se até um ninho, onde repousa um coração em carne viva. Esses são os elementos que compõem a obra intitulada “Braços dados que te trouxeram até aqui”. Nesse contexto, a genealogia que a obra evoca é a poderosa força que nos molda. Percebemos que somos resultado de uma complexa teia de relações, em que cada ser humano precisou de dois pais, quatro avós, oito bisavós... Ao dar as mãos, essas forças hereditárias nos fazem reconhecer a importância de nossas raízes e as influências que elas exercem em nossa trajetória. Somos feitos de histórias entrelaçadas, de narrativas que se entrecruzam e se entrelaçam em um intrincado tecido humano. A instalação nos oferece uma chave para tentar compreender nossa própria jornada e nos convida a mergulhar em nossas histórias subjetivas, explorar nossas origens e reconhecer que somos parte de algo bem maior.





**Braços dados que te trouxeram até aqui**  
Instalação / óleo sobre resina, aço inoxidável e couro /  
160 x 200 x 150 cm/ 2023

## **A TRILHA OU QUANDO SE PERDE O VERNIZ DOURADO DA VIDA**

A finitude de um corpo desperta reflexões profundas sobre a existência. Ao explorar a degradação e resignificação material de resquícios humanos, a obra intitulada "A trilha ou Quando se perde o verniz dourado da vida" nos confronta com a transitoriedade da matéria e a busca pela transcendência. Composta por uma sequência de ossos dourados, esta instalação apresenta vestígios tangíveis de nossa temporalidade, nos lembrando de nossa condição efêmera e de impermanência. Ao longo da trilha, esses ossos perdem sua fina pele dourada, até alcançar uma elevação que aponta para o alto. Dessa forma, a obra nos convida a contemplar resquícios humanos em direção ao vazio, levando-nos a questionamentos sobre o significado da finitude do corpo e a buscas por respostas sobre a transcendência e a materialidade. A transcendência, nesse contexto, revela-se como uma possibilidade de dar sentido à nossa efêmera jornada, permitindo-nos ir além dos limites do tempo e encontrar um propósito que ressoe para além das fronteiras do corpo físico, alcançando o intangível.



**A trilha ou Quando se perde  
o verniz dourado da vida**

Instalação / óleo sobre resina, aço inoxidável,  
granito e folha de ouro / 210 x 200 x 400 cm / 2023





## **ACHADOS ARQUEOLÓGICOS DE UM FUTURO DISTANTE**

O conjunto destas obras converge para um paradoxo fundamental: um determinado elemento não pode pertencer ao futuro se é proveniente de natureza arqueológica. Geralmente usadas para o transporte de objetos valiosos, três maletas, cujo interior é forrado em veludo negro, guardam o vazio. A ausência de três elementos do humano: fêmur, escápula e um dente. Esses dois ossos e um dente, metonímia do humano, possuem tamanhos anatômicos um pouco acima da escala natural humana, o que poderia nos levar a questionar, em termos evolutivos, como seria esse ser humano do futuro. Nasceria com uma nova consciência de mundo? Seria mais forte, mais alto? Como disse Nietzsche, "O surgimento do além-homem, será um novo tipo de ser humano aquele que superou uma velha e desgastada forma de existência. Assim, tal superação ocorrerá por meio do refinamento cultural e do crescimento pessoal que poucos indivíduos excepcionais alcançarão". Desse modo, o trio de obras intitulado "Achados arqueológicos de um futuro distante" parece colocar todas essas questões em suspensão, renunciando às utopias e às distopias para nos fazer um convite à reflexão diante do abismo que é a existência humana.



**Achados arqueológicos  
de um futuro distante**

Objeto / aço inoxidável, resina, veludo e  
madeira de lei /  
8,5 x 36 x 33 cm / 2023





**Achados arqueológicos  
de um futuro distante**

Objeto / aço inoxidável, resina, veludo  
e madeira de lei / 12 x 41,5 x 53 cm / 2023

**Achados arqueológicos  
de um futuro distante**

Objeto / aço inoxidável, resina, veludo  
e madeira de lei / 17,5 x 36 x 73 cm / 2023



# FÁBIO MAGALHÃES

(Tanque Novo/BA, 1982)

Vive e trabalha em Salvador/BA.

Constrói sua poética a partir de investigações relacionadas às condições humanas, pontos de partida para a criação de metáforas visuais em imagens, objetos e instalações. Seu pensamento artístico está sempre em contato com a pintura, mesmo ao produzir trabalhos tridimensionais. A obra de Fábio causa fascínio e repulsa, jamais indiferença, sendo resultado de um complexo processo de concepção e efetivação até chegar ao produto. O artista elabora encenações meticulosamente planejadas, capazes de ampliar os limites da percepção e gerir inquietações sobre a realidade. Por meio de um conjunto de operações conceituais, históricas e processuais da arte, Fábio desafia o habitual em busca de iluminar uma consciência adormecida no humano.

Ao longo de sua carreira, o artista realizou uma série de exposições individuais, a primeira delas em 2008, na Galeria de Arte da Aliança Francesa, em Salvador (BA). A essa mostra inicial, seguiram-se as individuais *Jogos de significados*, 2009 (Galeria do Conselho, Salvador/BA); *O grande corpo*, 2011, Prêmio Matilde Mattos/FUNCEB (Galeria do Conselho, Salvador/BA); *Retratos íntimos*, 2013 (Galeria Laura Marsiaj, Rio de Janeiro/RJ); *Além do visível, aquém do intangível*, 2016, curadoria de Alejandra Muñoz (Museu



de Arte da Bahia, Salvador/BA), que realizou itinerância na Caixa Cultural de São Paulo (2017) e de Brasília (2018); e *Espectador da vida*, 2019, curadoria de Thais Darzé (Paulo Darzé Galeria, Salvador/BA).

Em 2010, obteve o Prêmio Aquisição e o Prêmio Júri Popular no I Salão Semear de Arte Contemporânea (Aracaju/SE) e o Prêmio Fundação Cultural do Estado (Vitória da Conquista/BA). Em 2011,



recebeu o Prêmio FUNARTE Arte Contemporânea/Sala Nordeste. Foi selecionado para o Rumos Itaú Cultural 2011/2013. Em 2015, foi indicado ao Prêmio PIPA (MAM, Rio de Janeiro/RJ).

Sua obra também integrou exposições coletivas, entre as quais destacam-se o XV Salão da Bahia, 2008 (MAM, Salvador/BA); o 60º Salão de Abril, 2009 (Fortaleza/CE); o 63º Salão Paranaense, 2009 (Curitiba/PR); *Convite à viagem - Rumos Artes Visuais 2011/2013, 2012* (Itaú Cultural, São Paulo/SP), curadoria de Agnaldo Farias; *O fio do abismo - Rumos Artes Visuais, 2011/2013, 2012* (Belém/PA), curadoria de Gabriela Motta; *Territórios, 2012* (Sala FUNARTE/Nordeste, Recife/PE), curadoria de Bitu Cassundé; e *Espelho refletido, 2012* (Centro Cultural Hélio Oiticica, Rio de Janeiro/RJ), curadoria de Marcus Lontra. Em 2013, participou de *Crê em fantasmas: territórios da pintura contemporânea* (Caixa Cultural, Brasília/DF), curadoria de Marcelo Campos. Participou ainda da coletiva *Contraponto - Coleção Sérgio Carvalho, 2017* (Museu Nacional de Brasília/DF) e de *50 anos de realismo: do fotorrealismo à realidade virtual, 2018-2019*, exposição itinerante curada por Tereza de Arruda (Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo/SP, Brasília/DF e Rio de Janeiro/RJ).

Copyright © 2024. Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução sem a devida autorização.  
Exposição realizada em julho de 2024.

**Fábio Magalhães**

afabiocm@hotmail.com | fabiomagalhaes.com.br

**Organização**

Thais Darzé

Paulo Darzé

**Produção executiva**

Cica Lima

Patricia Ribeiro

**Curadoria**

Tereza de Arruda

**Texto**

Fábio Magalhães

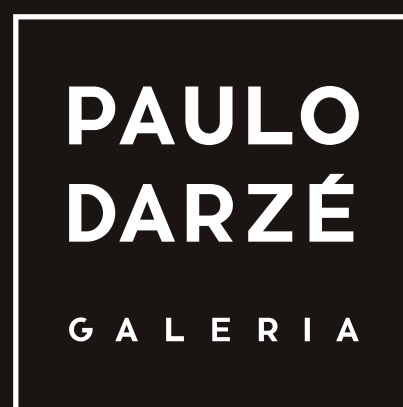
Tereza de Arruda

**Projeto gráfico e diagramação do catálogo**

P55 Edição

**Assessoria de comunicação**

Claudius Portugal



[www.paulodarzegaleria.com.br](http://www.paulodarzegaleria.com.br)

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8  
Corredor da Vitória, Salvador/BA • CEP 40081-310  
71 3267-0930 • 99918-6205 • paulodarze@terra.com.br  
[www.paulodarzegaleria.com.br](http://www.paulodarzegaleria.com.br)  
@paulodarzegaleria



**PAULO  
DARZÉ**  
G A L E R I A